

A AFETIVIDADE ENTRE RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO

Raila Dias de Oliveira

Email: rayla-dias2011@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa do trabalho discute a questão da afetividade entre professor e aluno, sobretudo e em como isso se reflete na aprendizagem escolar. A afetividade está totalmente interligada com o desenvolvimento cognitivo e poder trazer benefícios para o desenvolvimento da aprendizagem em direção ao conhecimento científico. A pesquisa teve como objetivo geral, analisar a relação entre professor aluno no que diz respeito a afetividade pode interferir na aprendizagem. Como objetivos específicos, buscar conceituar afetividade, explicar a relevância da afetividade no processo de ensino aprendizagem. O estudo mostrou que os professores compreendem que a afetividade é um recurso que contribui para uma abertura da criança e jovens a aprendizagem, por isso deve ser observado nas relações diárias em sala de aula.

Palavras-chave: Afetividade; Aprendizagem; Professor/Aluno

INTRODUÇÃO

Segundo Wallon (apud GALVÃO, 1998) os vínculos afetivos estão totalmente correlacionados com a motricidade e a inteligência; o desenvolvimento infantil saudável é pautado em tais áreas, portanto, torna-se necessário o professor considerar estes aspectos ao desempenhar o papel do ensino.

Wallon (apud GALVÃO, 1998) também valoriza o diálogo como momento de interação muito significativo e, quando se considerarmos a relação entre os sujeitos, no caso deste trabalho, o aluno e o professor, acredita-se que pode haver um significativo estreitamento desta relação. O autor afirma:

O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira. [...] Isto significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência. (WALLON, 1992 p.92)

Assim, uma vez que professor lida com a inteligência, deve considerar a afetividade um elemento correlacionado a ela. No processo de comunicação as relações se estreitam, desenvolvendo os aspectos afetivos e o lado cognitivo e, nesta sua experiência o ser humano vai adquirindo saberes. E é a partir do diálogo entre professores e alunos, que vão ambos se descobrindo e se relacionando de forma harmoniosa, pois cada um sabe das necessidades do outro, e o professor vai descobrindo também a realidade de seu aluno, pois se faz necessário o melhor conhecimento desta realidade para que a prática educativa tenha resultados positivos.

A respeito do que acontece numa relação de vínculo Los e Sant'ana (2017) afirmam que:

[...] Na vivência, forma-se um interjogo entre os diversos aspectos intrínsecos a um indivíduo – destes entre si e destes com os vários aspectos do meio exterior, os quais também interagem entre os que estão presentes, direta ou indiretamente, em cada situação experienciada pelo sujeito. (LOS; SANT'ANA, 2007, apud LOS; SANT'ANA, RODRIGUES, 2017, p.449)

Deste modo, a afetividade está totalmente interligada com o desenvolvimento cognitivo trazendo grandes benefícios para que haja uma aprendizagem, e que esta flua

de uma maneira agradável, lúdica e produtiva levando o aluno ao conhecimento científico.

Considerando algumas leituras da área da psicologia e da didática, além de uma experiência pessoal familiar em que foi possível perceber o quanto o aluno estava perdendo a motivação e o interesse pela escola uma vez que não conseguiu estabelecer um afeto o que antes nunca havia acontecido. Esta pesquisa visa aprofundar um pouco sobre essa temática levantando questionamentos que contribuam para a atuação em sala de aula dos alunos, ou seja, este é um assunto que deve ser observado e investigado pelos profissionais da educação.

Como objetivo geral, a pesquisa buscou analisar como a afetividade entre professor aluno interfere na aprendizagem escolar. Como objetivos específicos, procuramos conceituar afetividade, explicar a relevância da afetividade no processo de ensino aprendizagem e analisar as percepções dos professores, quanto à afetividade e aprendizagem.

O presente trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa bibliográfica realizada em livros e artigos científicos, abrindo espaço para uma interpretação mais próxima possível da realidade, em virtude de uma análise qualitativa.

1. Afetividade: conceito e considerações

Existe uma grande divergência quanto à conceituação dos fenômenos afetivos. Na literatura encontra-se, eventualmente, a utilização dos termos afeto, emoção e sentimento, aparentemente como sinônimos. Entretanto, na maioria das vezes, o termo emoção encontra-se relacionado ao componente biológico do comportamento humano, referindo-se a uma agitação, uma reação de ordem física. Já a afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. (Tassoni, 1997).

Segundo (SOUZA, 2003 apud LOS: SANTANA, RODRIGUES, 2017) a afetividade é conceituada como capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos como tendências, emoções, paixões e sentimentos; consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo.

Engelmann (1978) afirma:

[...] Há uma revisão quanto às variações semânticas, ao longo do tempo, das palavras: emoções, sentimentos, estados de ânimo, paixão, afeto e estados afetivos, em diversos idiomas (francês, inglês, alemão, italiano e português). : (1978 apud TASSONI, 1997, p.4)

Conclui-se que existe uma variação conceitual muito grande, dependendo do autor e do idioma a ser considerado.

Wallon (apud GALVÃO, 1998) é um dos autores que exercem grande influência sobre a compressão do conceito de afetividade e que influenciou várias considerações a respeito deste tema. O pesquisador propõe alguns estágios da afetividade a serem considerados no desenvolvimento humano. O primeiro deles é o estágio denominado “impulso emocional” que compreende o primeiro ano de vida do ser humano onde a afetividade compreende as primeiras reações do bebê com as pessoas; em seguida vem o “estágio sensorio motor” que compreende até o terceiro ano de vida quando a criança adquire mais autonomia na manipulação dos objetos. Na sequência, Wallon estabelece o “estágio personalismo” que vai dos três aos seis anos de idade e se refere ao período de processo de formação da personalidade; mas ainda formula o “estágio categorial” que se estabelece a partir de seis anos quando a criança se interessa por diferenças ao seu redor e vai em busca de conquistas do mundo exterior; avançando para a adolescência, Wallon denomina o “estágio categorial” como um, momento da vida que o ser humano vai em busca da definição dos contornos da personalidade.

As etapas de desenvolvimento humano associadas à afetividade são fundamentais para a formação do indivíduo. A passagem por cada etapa influenciará na formação pessoal de qualquer indivíduo e, quando respeitada ainda na infância contribuirá para os ideais de conquista na vida adolescente e adulta (WALLON apud GALVÃO, 1998).

2. A afetividade no processo de ensino aprendizagem

A constituição humana é complexa e possui aspetos que variam e se completam. Neste sentido, na concepção de Galvão (1998), a afetividade e a cognição se alternam em termos de dominância na atividade humana, mas se mantêm como funções aliadas uma à outra.

Segundo Wallon (apud GALVÃO, 1998) na aprendizagem escolar encontramos um tipo particular de interação: a relação do educando com o professor. O professor tem a importante função de mediar o vínculo das novas gerações com os diversos objetos de conhecimento disponibilizados nesse espaço institucional. Essa dinâmica evoca a reciprocidade e diversos afetos se manifestam, como o desejo de ensinar e de aprender que se tornam compreensíveis nessa interação.

Necessariamente precisamos considerar três importantes referenciais de abordagem dos processos de desenvolvimento e aprendizagem que valorizam a dimensão afetiva. Wallon, Vygotsky e Piaget tentaram cada um ao seu modo, uma visão interacionista, no sentido de combater a dicotomia em que a afetividade e cognição são tratadas em instâncias distintas da psique, prejudicando a compreensão científica da natureza humana no todo.

Para Wallon (apud GALVÃO, 2010; SOUZA, 2011) a pessoa é assim um todo completo que integra os três campos funcionais o afetivo, motor e cognitivo.

Segundo Vygotsky (apud LOS-SANT'ANA; RODRIGUES, 2017) a vida emocional está intimamente ligada a outros processos psicológicos do desenvolvimento da consciência de forma abrangente, de maneira que a criança está inserida nas relações sociais formando uma unidade intensa em que o contexto de cada pessoa, são elementos utilizados no momento das interações.

Piaget (apud SOUZA, 2003 apud LOS; SANT'ANA, RODRIGUES 2017) também afirma que o comportamento humano contém dois aspectos: o cognitivo que se trata do aspecto da inteligência e o afetivo, que se trata das emoções, os sentimentos, as tendências e as vontades, garantindo o “combustível” motivacional necessário às realizações do plano cognitivo. Para Piaget o papel essencial da afetividade é

indiscutível, pois sem ela não haveria interesses, necessidades, motivações; como consequências, os problemas ou as interrogações não poderiam ser formulados e não haveria inteligência (SOUZA, 2011 apud LOS;SANT`ANA; RODRIGUES 2017).

Rogers (1973 apud BARROS, 2004) afirma que o educador deve concentrar a atenção não a ensinar, mas em criar condições que promovam a aprendizagem. Isso significa que o melhor ambiente para a aprendizagem resulta da qualidade da interação humana, especialmente do grau de cordialidade entre professor e aluno. Ele apresenta três condições fundamentais à aprendizagem que denomina de tríade rogeriana que são: ter empatia, aceitar incondicionalmente o aluno e ser autêntico. Daremos mais ênfase nos dois primeiros. A empatia permite que o educador compreenda os sentimentos do aluno e lhe comunique que ele está sendo compreendido, a aceitação positiva e incondicional consiste em aceitar os alunos como eles são, sem julgá-los, sem barganhas usuais como: “se você fizer isso, então eu não gosto de você”.

Rogers (1973 apud BARROS, 2004) é categórico em dizer que a afeição do professor por seus alunos deve ser incondicional; o professor deve aceitar os alunos sem reservas. Ao oferecer essas condições ao aluno, as crianças se sentem livres para aprender. Outra questão muito significativa é sobre o “clima” da sala de aula que pode ser negativo, ou seja, quando o relacionamento do professor- aluno é rodeado de hostilidade e antagonismo fazendo com que o aluno tema constantemente a crítica e a censura do professor. Porém, quando esse “clima” se configura como positivo, o relacionamento entre professor e aluno será afetuoso e cordial, trazendo assim segurança e fazendo com que o aluno não tema constantemente, a crítica e a censura.

A atmosfera afetiva e o clima emocional da sala de aula acarretam consequências na mente e no organismo do aluno, pois diante de um professor severo, crítico, repressivo, cresce o nível de ansiedade do aluno, com isso aumentam os batimentos cardíacos, as mãos transpiram, há perturbações digestivas e diminui a capacidade de percepção. Quando o nível de ansiedade se eleva, o aluno fica emocionalmente transtornado, perde a autoconfiança, e não acredita em seu próprio valor; diante dessa situação não é capaz de produzir intelectualmente (BARROS, 2004).

Assim a qualidade da relação interpessoal entre professor e aluno influi em muitos aspectos da interação em sala de aula e, portanto na aprendizagem.

Em um estudo desenvolvido por Los- Sant´Ana e Rodrigues (2017) em uma escola, com o intuito de investigar as relações afetivas dos alunos com os professores, as crianças deveriam completar a narrativa falando como se sentiam quando a professora se aproximava e se importava com seus sentimentos, ao apresentarem-se chateadas por algum motivo. Nas frases das crianças surgiram palavras como “agradar”, “ajudar”, “conversar” e “aconselhar”, as quais os pesquisadores analisaram como sendo amostra de uma relação entre professor e aluno que valoriza o outro em termos de empatia e aproximação, ou seja, são atitudes que revelam uma relação afetiva que diz respeito a ir além da transmissão do conteúdo.

Com outra criança relata que a professora só “aconselhava os seus alunos bons e então era por isso que os alunos “ruins” não aprendiam , porque a professora não se interessava por eles . O interesse e o aconselhamento para elas, são determinantes para que aconteça o aprendizado (LOS- SANT´ANA; RODRIGUES, 2017).

Quando foram questionadas a respeito do que seria o trabalho do professor, as crianças relacionaram “a atenção”, “o ajudar” e o “conversar” como um fator essencial na conduta dos professores. Ao perguntarem: Como são os seus professores? Foi respondido: “Eles nos tratam com amor, carinho e atenção”. Depois foi perguntado: O que a professora faz que te ajuda a aprender ? A criança respondeu que a professora “conversa e demonstra que gosta” (LOS- SANT´ANA; RODRIGUES, 2017).

Ao aplicarem o instrumento Desenho com Histórias, as crianças representaram intensamente “afeto”, “carinho” e “estima”, em sua relação com as professoras. Uma das crianças desenha a professora com um coração estampado em sua blusa. As crianças destacam a presença da professora, sua proximidade física e muitas vezes com abraços entre elas (LOS- SANT´ANA; RODRIGUES, 2017).

Em outro momento um aluno ao falar sobre porque gosta de sua professora ele disse: “Ela me elogia, fala que tenho capacidade e que sou muito inteligente”. (LOSSANT´ANA; RODRIGUES, 2017).

É evidente que a relação professor- aluno, sendo uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente. No entanto, Wallon distingue o tipo de afetividade que se deve estabelecer. Mesmo no caso em que o professor afirma manter com seus alunos uma relação caracterizada como “afetuosa”, há uma fragilidade na noção do afeto. Isto

porque muitas vezes as manifestações que envolvem contato físico são consideradas afetivas, desconsiderando-se as necessidades de um afeto mais cognitivo, isso significa que passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar e admirar. E para isso compreende-se que o professor deve ter um olhar presente, respeitoso e se interessar pela vida do aluno (WALLON apud ALMEIDA, 1999, p. 7 apud SCHAEFER, 2015).

Em pesquisa desenvolvida por Schaefer (2015) em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, havia duas professoras e na ocasião foi escolhido um aluno que em sala de aula mostrava um comportamento diferenciado dos demais, ele se recusava a fazer as tarefas, gritava, batia nos alunos, e não gostava de aproximação, nem das professoras, nem dos outros alunos.

A professora 1 estabelecia um vínculo caloroso com a turma, ela iniciava sua aula circulando pela sala e conversando com os alunos, demonstrando interesse pelo que havia acontecido em casa, ou seja, ela propunha uma relação de proximidade, amizade e confiança.

A professora 2 também tinha uma aula bem livre, porém diferenciava-se da outra professora por chamar a atenção dos alunos a todo momento e alterava o tom de voz. Diante dessa alteração os alunos ficavam dispersos, passeando pela sala, conversavam e pareciam não se importar com os gritos dela.

O aluno, sujeito da pesquisa, mostrava-se um aluno indisciplinado, que não ficava em sua carteira, bagunceiro e sentava na última carteira da fila. A professora 1 ao se aproximar desse aluno verificou que o mesmo não era alfabetizado e era taxado com déficit de atenção e problemas neurológicos mais graves, porém após o laudo médico constatou-se que ele não apresentava nenhum problema neurológico (SCHAEFER, 2015).

Este relato apresenta um aluno indisciplinado. Diante desse quadro a atitude da professora não foi de indiferença, mas de aproximação. A aproximação da professora 1 foi o primeiro passo para que o quadro do aluno pudesse ser tratado com mais clareza. Na aproximação a professora identifica dados importantes: que o aluno não era alfabetizado e que o aluno não tinha problemas neurológicos. Essa professora não se limitou a ver o aluno como um problema, mas usou de sua posição para ajudar o aluno.

Tudo passa pela afetividade. A aproximação foi chave para um encaminhamento para um real diagnóstico e para que a aprendizagem acontecesse de forma eficaz.

3. Percepções dos professores quanto à afetividade e aprendizagem

A primeira questão foi a respeito do conceito de afetividade. As dez professoras apresentaram termos comuns em suas respostas, ou seja, que a afetividade é a relação de afeto, sentimentos, emoções, atitudes, carinho, vínculo, respeito, bom convívio, ajuda, e a capacidade de se importar com o outro.

De acordo com Henri Wallon (apud GALVÃO, 1998), a afetividade se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas. A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento.

Podemos perceber que o sentido e o significado que as professoras, sujeitos da pesquisa, dão a afetividade, se aproximam do que o autor acima afirma, ou seja, envolve sentimentos e emoções que se referem a sensações que geram aceitação e impulsionam o desenvolvimento da pessoa em diferentes aspectos do seu eu.

A segunda questão abordou a respeito da relação professor aluno e se ela potencializa a aprendizagem. Todas as professoras responderam que a afetividade potencializa a aprendizagem e que essa relação é essencial para que aconteça o processo de aprendizagem, pois quando o professor cria esse vínculo com seus alunos eles se sentem mais seguros e capazes.

A percepção dessas professoras se aproxima do que Rogers (apud BARROS 2004) afirma sobre a atuação do educador, ou seja, que este deve concentrar a atenção não somente no ensino, mas em criar condições que promovam a aprendizagem; o que significa propiciar um ambiente agradável, cercado de atenção, respeito, carinho, afeto e interesse pelo aluno de forma que o motive em direção ao conhecimento, pela forma como está sendo valorizado como pessoa e conseqüentemente gere uma aprendizagem significativa.

Na terceira questão foi indagado se a afetividade estava presente na sala de aula no dia a dia, e elas teriam que marcar de zero a cinco de acordo com a intensidade que tal comportamento se manifesta em sua sala. A maioria das professoras assinalou o número cinco e apenas duas o quatro, caracterizando que todas as professoras 10 procuram usar a afetividade nas suas práticas diárias em sala de aula, porém duas com menos intensidade.

Na pergunta 3.1 que é uma complementação da anterior, foi questionado de que forma a afetividade é presente no seu dia a dia em sala de aula. As professoras responderam que a afetividade é presente através de atitudes como: ouvir o que o aluno tem a dizer, dar atenção, não ser autoritário, tratar o aluno com respeito, receber o aluno com um sorriso e um abraço, estar próximo do aluno para identificar possíveis dificuldades ou problemas de aprendizado ou altas habilidades, ter um bom diálogo, elogiá-lo, valorizar os saberes dos alunos, ajudá-los em suas dificuldades e promover um ambiente agradável para que a aprendizagem aconteça de forma mais harmoniosa.

Tassoni (2000) buscou evidenciar aspectos afetivos na interação em sala de aula, analisando a postura do professor e os seus conteúdos verbais e concluiu que os aspectos afetivos estão presentes na dinâmica da sala de aula e influenciam diretamente o processo ensino-aprendizagem.

Portanto, de acordo com o autor a afetividade presente em sala de aula é fundamental para determinar a relação do aluno com o conteúdo ensinado, e ao que tudo indica, as professoras entrevistadas compreendem a afetividade por esta perspectiva, ligadas ao ensino.

Na quarta pergunta indagamos se o aprendizado pode ser prejudicado quando há um ambiente de rejeição em sala de aula. As professoras deveriam assinalar um valor entre zero e cinco, à medida do que compreendem sobre a intensidade em que isso ocorre. As dez professoras foram unânimes e assinalaram o valor cinco, indicando que a rejeição, ou seja, um ambiente com baixa ou nenhuma afetividade, podem influenciar negativamente na aprendizagem.

Freire (1996) diz:

[...] o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-

amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar marcas, sejam elas positivas ou negativas [...]. (p. 26)

Tal fato evidencia que, dependendo da postura que o professor assume em sala de aula, ele pode criar um ambiente de rejeição prejudicando o aprendizado do aluno e, conseqüentemente, atrapalhando o seu desenvolvimento como pessoa, ou ao contrário pode estabelecer um clima agradável favorecendo a aprendizagem.

Na quinta pergunta de que forma as professoras constroem a relação de afetividade com os alunos para que assim o processo de aprendizagem possa tornar-se produtivo. As professoras responderam que procuram desenvolver a afetividade por meio de um bom relacionamento com as crianças, ao serem justas, ao buscarem entender o aluno e ao ajudarem na compreensão do funcionamento da sala de aula. Acreditam que estas são formas de demonstrar afeto às crianças para que elas se sintam seguras, motivadas e interessadas, ajudando-as nas dificuldades que aparecem no dia a dia.

Para Almeida (1999, p. 107)

Na escola, as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. As relações harmoniosas promovem a integração social, que é tão importante no processo de aprendizagem e de comunicação. (ALMEIDA, 1999, p.107).

Portanto, as relações harmoniosas são necessárias e importantes no processo de aprendizagem e de comunicação. A troca de afetos é indispensável, pois a criança se sentirá mais segura, mais confiante em si mesma, quando a professora lhe dá a devida atenção e a compreende em suas potencialidade e limitações.

Neste sentido, a professora de número 7, descreve que o aluno é o protagonista no processo da aprendizagem. Isso pode indicar que ela o considere em todas as dimensões, ou seja, como sendo um ser pensante, mas também afetivo, no sentido de que é necessário considerar suas emoções e sentimentos para fortalecer sua autoestima e a capacidade de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa fica evidenciado que os professores entendem que a afetividade entre professor /aluno interfere na aprendizagem, uma vez que através dessa relação pode-se conhecer melhor o aluno e identificar possíveis dificuldades, problemas e até mesmo altas habilidades, para auxiliá-lo, ajudá-lo, estimulá-lo e fazer as mediações necessárias para que o aprendizado seja bem- sucedido. Desta maneira o aluno se sentirá seguro, aceito e 12 motivado para se expressar, para usar a criatividade, para se relacionar com os amigos e para querer aprender.

Por outro lado, quando não há esse vínculo do professor com o aluno, o aprendizado certamente será prejudicado, pois sem a proximidade com o professor, e muitas vezes o compreendendo como uma figura autoritária, este terá receio de se expressar, de perguntar e até mesmo de demonstrar alguma dificuldade de aprendizagem por medo de ser criticado ou repreendido.

É relevante considerar que na relação professor - aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente.

Almeida afirma:

[...] geralmente revela-se afeto através do que poderíamos chamar de “lambelambe”, limitando, as expressões de carinho ao beijo e ao abraço. [...] Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. (apud1999 grifos do autor, p.198)

A autora distinguiu o tipo de afetividade que se deve estabelecer e destaca que mesmo que o professor afirme ter uma relação que se caracterize afetuosa, há uma fragilidade na noção de afeto. Isto porque, apenas manifestações que envolvem contato físico não devem ser absolutas, pois, existem as necessidades de um afeto mais profundo.

É importante o afeto através do abraço, do beijo, do receber o aluno com um sorriso, porém é necessário ir além demonstrando esse afeto de uma forma evolutiva e buscando proximidade e interesse pelo aluno no dia a dia.

Portanto, o vínculo de afetividade entre professor e aluno é de grande significado para o aprendizado. É um dos fatores determinantes para despertar ou para apagar o desejo do aluno em querer aprender, e em querer ser alguém no futuro.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, A.R.S. **A emoção e o professor**: Um estudo à luz da teoria de Henri Wallon. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, v. 13, nº2p. 239-249.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LOS-SANT`ANA, Helga; RODRIGUES, Priscila Mossato. Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica *Rev. Bras. Est. Pedag.* Vol. 98, no 249. Brasília.

SCHAEFER, Jéssica Simone Galdino. Afetividade entre professor e aluno no processo de aprendizagem. *Rev. Eventos Pedagógicos* vol. 6, n.2 (15. ed), p. 142-151, jun./jul. 2015.

TASSONI, Elvira Cristina: Afetividade e Aprendizagem: A Relação Professor- Aluno. 23º reunião. Anped/ 2000.